

Fenômeno mobiliza oposição e precipita calendário político

A mais de 3 anos da eleição, Lula já admite disputar pela quarta vez e PT discute se isso convém

O surgimento do nome do ex-ministro Ciro Gomes (PPS) como o preferido dos eleitores que se arrependeram do voto dado ao presidente Fernando Henrique Cardoso pode estar cumprindo seu primeiro papel no universo das oposições. Ao contrário do que ocorreu pouco antes da campanha do ano passado, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) admite ser candidato à Presidência e o partido à sua volta discute se isso é conveniente.

O quadro traçado dentro do próprio PT indica que Lula só terá chances numa quarta candidatura se a eleição for polarizada, o descrédito em relação ao governo aumentar e as forças de esquerda conseguirem capitalizar essa insatisfação. Nesse cenário, o diagnóstico feito pelo partido é de que a crise tem de ser maior que o medo de certos setores, especialmente a classe média, de eleger Lula. Existem dúvidas de que ele consiga, desta vez, romper a rigorosa rejeição do eleitorado. Se o quadro configurar-se favorável a um candidato de centro, no entanto, o PT terá de ser rápido. "É preciso tempo para construir outra alternativa", admite um dirigente petista.

"Não vou dizer que sou candidato nem que não sou", desconfessa Lula. Até agora, porém, ele tem mostrado apetite para o páreo. Chegou a admitir isso, com todas as letras, para seus companheiros de partido, embora a notícia tenha sido interpretada de outro modo. De qualquer forma, daqui a um mês e meio, no 2.º Congresso do PT, as coisas devem tomar um rumo mais claro sobre a candidatura presidencial.

Depois de sucessivas derrotas nas urnas, tornou-se dominante no PT a convicção de que, sem os votos do centro, a sigla estará definitivamente fora do poder. Assim, forçar um caminho para o centro – onde Ciro Gomes começa a nadar de braçadas – será a estratégia comum aos partidos de esquerda, apesar de os fatos indicarem que eles têm grandes chances de entrar na disputa divididos.

Com maioria garantida, os moderados do PT deverão aprovar no 2.º Congresso, em no-

vembro, cartilha que prega "alianças mais amplas".

O presidente nacional do PT, deputado José Dirceu (SP), insiste em que é preciso formar uma coalizão para conquistar a confiança da população insatisfeita. Lula vai na mesma linha, com o argumento de que o guarda-chuva petista é grande o suficiente para abrigar políticos do PMDB, do PSDB, do PTB e até do PPS de Ciro. "Só não vale compor com o PPB e com o PFL", ressalva.

Frente partida – Com muitas divergências, a frente de esquerdas que apoiou a candidatura de Lula à Presidência no ano passado dificilmente será reproduzida nas eleições de 2002. Formado por PT, PDT, PSB, PCB e PC do B, esse bloco agora vive às turras. "O que nos unifica é a oposição ao sistema e a Fernando Henrique, mas acho que cada partido deve lançar seu candidato à Presidência já", diz o vice-presidente do PSB, Roberto Amaral. O socialista vai propor na próxima reunião da frente, quinta-feira, que as esquerdas ponham seus nomes na rua agora. "Depois das eleições municipais, podemos

voltar a discutir e avaliar a densidade eleitoral dos candidatos."

A posição de Amaral apenas expressa uma divisão interna do pequeno PSB. Lá, a deputada Luiza Erundina (SP) aponta Ciro

como a pessoa que hoje apresenta melhores condições para unir um arco maior de forças. "Ciro não é de esquerda, está situado no espectro do centro e abrigado num partido de esquerda", define. "Ele tem como montar uma aliança maior que o PT", diz. Mas Erundina ressalva que, antes, os partidos terão de assimilar o resultado das eleições para as prefeituras.

"Estamos vivendo dificuldades de ordem prática", admite o presidente do PDT, Leonel Brizola, ex-vice da chapa liderada por Lula. Para Brizola, o PT "só quer receber apoios, mas não dar apoio". O PDT tem em suas fileiras o governador do Rio, Anthony Garotinho, que vira e mexe ameaça deixar o partido, caso Brizola não aceite sua intenção de disputar a Presidência. Por enquanto, o discurso do cacique é um vaivém: Brizola ora fala em candidatar-se, ora dá sinais de que quer apoiar para a empreitada o governador de Minas, Itamar Franco. (V.R. e M.L.N.)

**ALIANÇA
COM CENTRO
É PLANEJADA
JÁ PARA 2000**